

## Conclusões

**Be OPEN: Inspirar, Capacitar, Investigar, Inovar & Partilhar** contou com a presença de profissionais de informação em saúde, bibliotecários e documentalistas e permitiu analisar, trocar ideias, partilhar experiências, refletir sobre tendências e oportunidades a curto e médio prazo. Num contexto aberto e inclusivo, ao longo de dois dias, permitiu de forma aberta um diálogo em redor de seis eixos:

- Literacia em saúde
- Ciência Aberta em saúde
- Novos papéis para os profissionais da informação
- Investigação da informação em saúde
- Comunicação em saúde
- Dados abertos em saúde

As comunicações de Eloy Rodrigues e Lluís Anglada chamaram a atenção para o facto de a implementação da Ciência Aberta envolver a incorporação de metodologias, ferramentas e práticas de natureza colaborativa e requerer o compromisso dos diversos agentes implicados na produção, divulgação e utilização do conhecimento. A Ciência Aberta não significa apenas a partilha seletiva de dados e publicações; representa a abertura do processo científico, enquanto um todo, reforçando o conceito de responsabilidade social científica. A Ciência Aberta compreende o acesso aberto a dados e resultados de investigação e a inovação aberta; contempla os contextos de co-criação/produção de conhecimento num crescente envolvimento com a sociedade, estimula a ciência cidadã e preocupa-se com a devolução à sociedade do conhecimento produzido, sempre num pleno respeito pela propriedade intelectual, na defesa das boas práticas e da transparência.

Eloy Rodrigues deixa-nos algumas reflexões:

- A COVID-19 trouxe um número de alterações ao mundo da comunicação científica, o que está por acontecer, quantas e que alterações são para ficar (e.g., o caso dos *preprints*).
- As revistas científicas evoluíram imenso nos últimos anos e pode ser que já não tenham que cumprir todas as funções previstas até há pouco.
- O sistema de publicação científica tem custos insustentáveis, quer pelos preços de subscrições quer pelos custos de processamento de artigos (APCs).

- Um dos grandes problemas deste sistema está associado ao uso abusivo de métricas erradas para a avaliação de académicos.

A comunicação de Jaziel Dorneles vem assinalar que a proporção de revistas em acesso aberto e indexadas na Web of Science é insuficiente – não chegam à proporção de uma em quatro.

O contributo de Luiza Melo refere que os repositórios das universidades têm um papel chave no acesso à literatura cinzenta, como o caso do Repositório da Universidade de Lisboa, que teve mais de seis milhões de acessos a estes documentos nos últimos dez anos.

A comunicação de Samára Sampaio chama a atenção para o uso avançado do Moodle em disciplinas de pós-graduação, uma mais-valia ainda pouco aproveitada, uma vez que a maioria dos docentes usa este instrumento apenas como um repositório de documentos textuais.

No atual paradigma, amplamente discutido por Lluís Anglada, a Ciência Aberta constitui uma nova abordagem para o processo científico baseado no trabalho cooperativo e assume-se como uma nova forma de difundir o conhecimento usando tecnologias e novas ferramentas colaborativas. Trata-se de uma mudança sistémica quando se compara a maneira como ciência e investigação foram realizadas nas décadas mais recentes. Pretende-se, então, mudar a prática de publicação de resultados de investigação em publicações científicas para a partilha e uso de todo o conhecimento disponível do processo de investigação.

O diretor da revista *El Profesional de la Información*, Tomas Baiget, realçou que apesar de vivermos em proximidade com o novo paradigma da Ciência Aberta, a forma mais amplamente introduzida e aceite de avaliar a qualidade de uma publicação científica continua a ser as citações que recebe. Paralelamente à qualidade da investigação foram assinalados vários aspetos formais que influenciam a receção das citações. Entre outros fatores foram assinalados vários conselhos com ênfase no formato de referências e no marketing científico (e.g., artigos ambiciosos, a procura de coautorias internacionais, resumo até 250 palavras, dez ou mais palavras-chave, atualização dos estilos bibliográficos, a importância dos congressos na rede de contactos, o papel dos repositórios institucionais na disseminação dos resultados de investigação, a participação em listas de distribuição, as redes sociais, a importância do Google Scholar e o envio de PDFs para os autores citados como estratégia de disseminação).

Desta forma, a Ciência Aberta desenvolve um importante impacto em todo o ciclo científico, desde o início da investigação até à sua publicação, mas também na forma como é organizado este ciclo. Neste âmbito destacam-se as seguintes comunicações:

A comunicação de Fernando Llimós chama a atenção para os autores que frequentemente se queixam do dilatado processo editorial, que inclui tempo de revisão externa por pares, formatação de *layout* e metadados de indexação. Os autores também

podem considerar o menor atraso de aceitação como uma boa característica, porque a literatura sugere riscos associados a uma revisão fraudulenta por pares.

A comunicação de Samára Sampaio, no campo das metodologias, apresenta as particularidades da utilização do método Q como uma metodologia para o desenvolvimento de estudos na área das ciências da saúde, principalmente na formação profissional em cultura digital.

A comunicação de Lilian Teixeira na análise da temática do envelhecimento humano inserida num contexto interdisciplinar; ainda que predominando a pesquisa na área da medicina, na análise à base de dados SCOPUS foram identificados os contributos de profissionais de diversas áreas relacionadas, como enfermagem, psicologia, odontologia, farmácia, entre outras.

A comunicação de Maria da Luz Antunes e Carlos Lopes chama a atenção para a importância da capacitação dos profissionais da informação em saúde no desenvolvimento de competências no âmbito das metodologias das revisões sistemáticas e das meta-análises. Espera-se que os profissionais de saúde e os investigadores compreendam e adquiram as competências necessárias, metodologicamente sólidas, para a preparação e condução destes estudos, em estreita colaboração com bibliotecários e bibliotecas.

Questões como sistemas alternativos para o estabelecimento e consolidação da reputação científica, mudanças no modo como é avaliada a qualidade e o impacto da investigação, o uso crescente de blogues científicos, a revisão pelos pares aberta, o acesso aberto a dados e publicações, bem como o impacto económico da abertura dos dados científicos, são vetores no atual ecossistema da Ciência Aberta pelo que, neste contexto, se destacam as seguintes comunicações:

A comunicação de Rui Guimarães realça que o papel do enquadramento jurídico do acesso e reutilização de dados em saúde possui razões éticas, humanitárias e civilizacionais. Falou-se na importância do Direito, que existe por nós e para nós, sendo primordial na questão do acesso e reutilização de registos clínicos para fins de investigação. Relativamente à anonimização sem possibilidade de reversão, não sendo, na prática, possível a sua concretização, é substituída pela pseudoanonimização, conseguindo-se, assim, uma garantia de confidencialidade e privacidade ao detentor dos dados. Foi dado destaque ao papel preponderante do responsável pelo acesso à informação, a quem recai toda a responsabilidade da decisão de acesso e/ou reutilização dos dados, sendo a única entidade com capacidade para decidir se o investigador pode ou não aceder ou reutilizar os dados de que necessita, nomeadamente para fins de investigação.

Por outro lado, Ivan Ricarte preconiza o alargamento da atuação do profissional de informação na análise de blogues com conteúdo de saúde e sua conversão para o formato de dados abertos, bem como o seu armazenamento e recuperação. Ele é

equiparado a um mediador ou intermediário neste processo com vista à exploração do potencial dos dados abertos, considerando-se essencial que compreenda os seus vocabulários, ontologias e modelos de informação utilizados para a representação desses dados abertos.

A profissional da informação em saúde Marta Almada chamou a atenção para as novas premissas que a Comissão Europeia definiu para a maior proximidade e abertura no que se refere aos dados obtidos através dos projetos Horizon 2020. O FAIR4Health surgiu deste paradigma e é um projeto europeu que visa elaborar diretrizes para facilitar a localização, acessibilidade, interoperabilidade e a reutilização (FAIR) dos dados de investigação em saúde. Com base neste projeto foram analisados os progressos realizados na política FAIR e demonstradas evidências dos benefícios do uso dos dados dessa política na investigação em saúde.

Por outro lado, a comunicação de Fabrício Gualdani abordou a importância do registo clínico do doente. Sendo este documento uma garantia da assistência e prestação de cuidados de saúde com qualidade e em segurança, para além da possibilidade de reutilização, foram demonstradas nove diferentes abordagens de estudo do registo clínico que podem ser efetuadas pelos profissionais de informação, possibilitando, assim, múltiplas formas de atuação destes profissionais no contexto da saúde.

Através da comunicação de Miguel Telo de Arriaga demonstrou-se que, à luz da atual situação de pandemia, o papel da Literacia em Saúde é fundamental para responder no imediato aos 3 Ps da Saúde: Promoção, Prevenção e Proteção. É nesse sentido que o Plano de Intervenção de Literacia em Saúde da Direção-Geral da Saúde se alinha de forma estreita com a comunicação de risco e com a comunicação de crise, sendo que o estudo dos *behavioural insights* surge como sendo a abordagem mais eficaz, tendo como melhor resposta o comportamento adequado das populações.

No contexto da Literacia em Saúde a comunicação de Diana Pinheiro, Sara Henriques e Patrícia Martins realça o potencial das salas de espera em unidades de saúde públicas como espaços privilegiados para promoção de saúde e para o aumento da literacia em saúde, considerando que se trata de espaços públicos abertos a todos os utentes e onde o tempo de espera despendido é muitas vezes negligenciado. Na análise à qualidade dos espaços relativamente ao equipamento, conforto e informação disponível e à satisfação dos utentes concluiu-se que é necessário investir em meios de comunicação mais atuais e interativos, como complemento à afixação de posters e distribuição de folhetos.

Também as doenças crónicas são uma área de trabalho e um conjunto de doentes a não negligenciar. De considerar que os jovens usam prioritariamente as plataformas digitais para diversos fins, incluindo aspetos relacionados com a saúde. Portanto, há que falar a mesma linguagem e trabalhar no mesmo patamar. Nesta linha destacam-se as seguintes comunicações:

Para Ana Veiga e Cristina Vaz de Almeida a literacia em saúde assume um papel determinante na gestão, controlo e prevenção da diabetes mellitus tipo 2 que afeta já mais de um milhão de pessoas em Portugal, com aumento da prevalência de 23% nas idades compreendidas entre os 65 e os 74 anos. A baixa literacia em saúde está diretamente relacionada com os conhecimentos insuficientes no campo das doenças crónicas, pelo que é fundamental assegurar intervenções ajustadas à promoção da literacia direcionada às carências da população idosa através de um programa estruturado que baixe os constrangimentos, aumente o conhecimento e a motivação para o aumento da atividade física e para uma alimentação saudável.

A comunicação de Cecília Nunes e Cristina Vaz de Almeida destaca o uso que os jovens fazem das plataformas digitais para diversos fins, incluindo aspetos relacionados com a saúde. Num estudo realizado a jovens com idades compreendidas entre 17 e 25 anos, através de um inquérito via Facebook, concluiu-se que os jovens querem saber sobre a sua saúde, mas sentem que são eles próprios que devem fazer essa pesquisa. Por outro lado, a pesquisa de informação em saúde e o uso de competências demonstram uma falha no acesso a informação confiável/credível, assim como o processamento, a pesquisa e a compreensão dessa informação.

O projeto Viver + com Saber – Literacia em Saúde, apresentado por Patrícia Ribeiro, tem como foco promover o envelhecimento ativo na comunidade do ACES Arco Ribeirinho, através de iniciativas de promoção da cidadania em saúde, contribuindo assim para a capacitação e melhoria da qualidade de vida da sua população. Procura mobilizar a comunidade local através da dinamização de estratégias locais amplamente participadas, assumindo a literacia em saúde um papel determinante em que o cidadão é o centro do processo. É colocado em prática através da dinamização regular de atividades de promoção da saúde, *workshops* e tertúlias, celebração de dias comemorativos, campanhas de sensibilização, jornadas de saúde séniores, formação de embaixadores e a participação em outras atividades organizadas pelos parceiros, como as feiras da saúde.

Quer então dizer que vamos comunicar e, em saúde, comunicar como nos transmitiu José Mendes Nunes, diz respeito ao estudo e utilização de estratégias de comunicação para informar e para influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades no sentido de promoverem a sua saúde. A prática de boas competências de comunicação contribui para uma relação significativa e confiável entre os seus intervenientes, em concreto os profissionais de saúde e os seus doentes. A evidência mostra que a qualidade da comunicação se reflete na proteção do doente e na obtenção de melhores resultados em saúde. A maioria dos erros deve-se a comunicação disfuncional e as queixas dos doentes são maioritariamente por erros de comunicação. As habilidades comunicacionais não substituem a ciência médica, mas ajudam a que o doente a use.

Neste eixo da comunicação em saúde assinalem-se os contributos dos seguintes profissionais de informação:

Alexandra Pinto e Cristina Vaz de Almeida apresentam uma comunicação sobre a importância da biblioterapia como um processo interativo, numa integração bem-sucedida de sentimentos, valores e ações, visando um processo harmónico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal. A biblioterapia surge para os bibliotecários como uma área emergente e transversal de intervenção da biblioteconomia, podendo ser aplicada em variados tipos de utilizadores, especialmente em pessoas idosas e/ou fragilizadas, contribuindo para o seu bem-estar, humanização e harmonia.

O contributo de Anabela Henriques preconiza a importância das revistas científicas na área da saúde e o seu papel fundamental na difusão dos resultados da investigação científica, contribuindo para o avanço da medicina, a formação dos investigadores e a melhoria dos cuidados de saúde. Para o progresso da ciência médica é muito importante a visibilidade da produção científica. Mas a falta de difusão das revistas científicas origina o fraco reconhecimento do trabalho dos autores que nelas editam e a invisibilidade da investigação científica. O estudo aponta para a necessidade de serem desenvolvidas competências complementares como, por exemplo, a profissionalização da gestão editorial, a capacidade de atração da revista e o desenvolvimento de critérios de qualidade científica.

A comunicação de Maira António aponta várias iniciativas de implementação de prontuários eletrónicos do paciente (PEP), que têm sido desenvolvidas em todo o mundo para substituir completa e vantajosamente os registos dos doentes em papel. No entanto, o suporte eletrónico ainda é subutilizado. Pretendeu-se avaliar quais são as principais barreiras à implementação e ao amplo uso do PEP, tendo-se concluído que mudar o cenário requer sistemas que atendam e conquistem os profissionais de saúde.

A comunicação de Cristina Vaz de Almeida assinala como a prática de boas competências de comunicação influencia uma relação significativa e confiável entre os seus intervenientes. Mas os modelos de comunicação em saúde não se centram especificamente no conteúdo das competências de comunicação necessárias na relação terapêutica. O estudo centrou-se no Modelo ACP – Assertividade, Clareza e Positividade.

Uma nota de síntese das comunicações nas várias temáticas assinala que o atual paradigma da investigação em saúde no contexto da Ciência Aberta, em que as bibliotecas da saúde se inserem (ensino superior, hospitais, equipas médicas, laboratórios clínicos e farmacêuticos, entre outros), contempla conceitos como a produção, a preservação, a partilha e a reutilização, levando o profissional de informação a desenvolver novas competências e a construir um perfil mais rigoroso, em permanente construção e atualização, mas também mais exigente, mais pormenorizado e mais próximo do outro profissional, o da saúde, e dos doentes.

Nas palavras de Cristiane Galvão, o profissional de informação em saúde tem de interagir com um complexo ecossistema de informação em saúde. O seu papel, no que diz respeito ao acesso a evidências para a tomada de decisão pelos profissionais de

saúde, tem-se revelado essencial nesta pandemia. Não se deve ignorar que essa interação inclui também os cidadãos em geral em resposta a questões relacionadas com a promoção de uma consciencialização para a saúde pública, através da criação e divulgação de informação relativa a medidas preventivas, mas sobretudo em resposta a questões que se prendem com o bem-estar psicológico e social e com a promoção da sua saúde através de uma maior literacia.

A comunicação de Tatiana Sanches assinala que a importância da atualização de competências pelos profissionais de informação em saúde se revela essencial, devendo estes estar a par das tendências e recomendações atuais para o setor, uma vez que estes profissionais fornecem serviços em vários aspetos que incluem a recolha e a gestão da qualidade da informação, a sua integridade, a sua divulgação, codificação e privacidade, de molde a facilitar a prestação de cuidados de saúde, a segurança do doente e o apoio à decisão, desempenhando um importante papel na garantia da confidencialidade da informação de saúde.

O estudo de Patrícia Rodrigues assinala que as pessoas que apresentam níveis de literacia em saúde inadequados mostram dificuldades significativas no que diz respeito à compreensão de instruções relacionadas com a saúde. A avaliação do nível de literacia em saúde é um aspeto fundamental para a saúde pública, sendo o baixo nível de literacia digital por parte dos cidadãos em geral uma preocupação global. Salienta-se que a maioria dos *websites* em diferentes áreas estão escritos num nível superior ao que a maioria dos indivíduos consegue compreender, sendo necessário corrigir esse paradigma, uma vez que nos últimos anos vários estudos têm demonstrado que um nível inadequado de literacia em saúde pode ter implicações significativas, tanto na saúde individual como na saúde coletiva e na gestão dos recursos e gastos em saúde.

A comunicação de Paula Saraiva refere que, nos últimos anos, os profissionais de saúde têm desenvolvido projetos de saúde aliados às tecnologias emergentes para darem resposta, à distância, às necessidades de saúde e ao bem-estar das populações, no sentido de melhorar a saúde pública e combater as doenças e as epidemias. O *e-Health* é uma oportunidade de desenvolvimento de competências tecnológicas e de literacia para os profissionais de informação em saúde, que podem, assim, com o apoio das novas tecnologias e com equipas multidisciplinares, participar num mundo mais global, sustentável e inclusivo, onde o digital permite chegar às pessoas onde quer que estejam.

A última comunicação, apresentada por Diana Silva, refere a importância da dimensão de apoio à investigação. A aprendizagem dos bibliotecários de saúde é potenciada face ao contexto atual de Ciência Aberta e de pandemia, sendo de realçar que, na atual emergência global, as descobertas científicas evoluíram muito mais rapidamente do que antes.

Em síntese, a promoção e a defesa de uma prática generalizada de Ciência Aberta no contexto da saúde significa a assunção de uma política científica comprometida com um paradigma de partilha do conhecimento e de aproximação da ciência à sociedade.

Estas são algumas conclusões deste evento.

### **Be OPEN**

#### **Inspirar, Capacitar, Investigar, Inovar & Partilhar**

Foi o lema destas XIV Jornadas APDIS. Agradecemos ao Centro Hospitalar e Universitário do Porto pelo acolhimento desde a primeira hora.

Agradecemos a todos os que participaram, enquanto autores e enquanto ouvintes, nestes novos tempos.

Pessoalmente, agradeço aos restantes elementos da Comissão Científica e à Direção da APDIS por nos ter confiado este trabalho.

Até às XV Jornadas!

Presidente da Comissão Científica

**Carlos Lopes**

APDIS | 2020